

O "FAUSTO"

(A proposito de uma traducção)
Ao FAUSTO PENTEADO

I

O sr. Gustavo Barroso é um dos escriptores mais lidos e mais ponderosos da nova geração. E entre os belletristas que dirigem as suas actividades para diversas provincias literarias, compõe-se a grande maioria, pelo menos no Brasil, de dilettantes, nos quaes é ave rara a erudição. Tal não acontece, porém, ao sr. Gustavo Barroso, o que vem abonar o conceito em que é tido de escriptor notavel, sob todos os pontos de vista. E' o que demonstram seus trabalhos literarios, a começar pelas chronicas, escriptas em estylo simples e leve, mas claro e incisivo. Ainda ha pouco, entrete-nos com os seus interessantes artigos a proposito da "imaginação de Flaubert", em que demonstra com extraordinaria clareza de vistas, a inequivoca utopia de se querer collocar entre as mais notaveis do autor do "Madame Bovary", aquella qualidade. Ninguém pôde deixar de concluir com o articulista, dada a sua innegavel autoridade no assumpto, que do sublimado Flaubert só ha, no "Salambô", a disposição e a fôrma, a primeira feita com talento e a segunda gravada preciosamente como em balxo relevo antigo, mas imaginação nenhuma!

Acaba de prestar um serviço ás nossas letras o autor da "Terra do Sol", com a traducção do "Fausto", de Goethe. Ninguém o nega. E, principalmente, quem a tiver lido. Sim, porque um traductor sempre achará quem o acoime de traduttore, por muito que tenha feito, para não merecer essa accusação; e, si a algum ella não é cabivel, esse "algum" será o sr. Gustavo Barroso.

O que lhe permittiu, antes de tudo, approximar sua traducção o possivel do original, foi o tel-a-faito em prosa, condição indispensavel para esse effeito. Victor Hugo affirmou alhures que uma traducção em verso é sempre uma cousa absurda, impossivel e chimerica. E

concluia declarando, mais ou menos, que só um segundo Homero traduziria condignamente o primeiro (1). Donde se pôde inferir que, por sua vez, só um outro Goethe traduziria com perfeição o autor do "Fausto". Quicá nem esse. A razão desse facto está na extraordinaria amoldabilidade a certas idéas e pensamentos philosophicos que possui a lingua allemã e talvez só ella. Dahi o ter dito Schopenhauer que essa lingua é a unica em que se possa escrever quasi tão bem como em grego e em latim, elogio que, continua elle, seria ridiculo fazer-se ás outras principaes linguas da Europa, "que não são mais do que patois" (sic) (2).

E mme. De Stael tambem declara que o allemão possui uma construcção quasi tão sábia como o grego (3).

E' notavel que luctam até os proprios allemães para comprehender certos trechos do "Fausto", especialmente a segunda parte. Ah! como diz E. Grucker, esqueceu-se Goethe do conselho que colloca na bocca de Mephistopheles:

"Gru, Freund, is alle Theorie Und gru des lebens goldner Baum".

Em 1797, quando o autor do "Fausto" pensava em revêr a primeira parte de seu drama, escrevia-lhe Schiller que o assumpto o forçaria a tratar philosophicamente e a imaginação seria obrigada a se collocar ao serviço da razão.

"E' verdade", concluia o autor do "Guilherme Tell", "que nada vos digo de novo, porquanto nas partes já concluidas do vosso poema preenchestes perfeitamente essa condição". Não são de admirar essas palavras, pois houve quem dissesse humoristicamente que os personagens de Schiller são balões cheios de gaz metaphysico.

"Os escriptores mais originaes, os creadores, Lessing, Klopstock, Goethe, Schiller, Novalis — disse-o a respeito da literatura allemã o já citado Emile Grucken — são, ao mesmo tempo, pensadores, philosophos, esthetas profundamente versados na historia e na sciencia literaria, tendo por muito tempo meditado sobre o problema do Bello, tendo cada qual a sua doutrina, que expõem e que defendem, etc..." (4).

Essa doutrina, diz ainda elle, não é organizada apenas para justificar as produções poeticas. Estas, pelo contrario, são compostas, o mais frequentemente, para demonstrar a verdade e a excellencia da theoria.

E' o que se dá com o "Fausto".

(1) Victor Hugo — Literature et Philosophie Melées Ed. Nelson — pag. 130.

II

Era muito de prever que a obra prima do grande poeta allemão não fosse original. Em geral, as obras primas não o são. A maioria dos escriptos de Corneille, Molière e Shakespeare provem de lendas populares conhecidissimas. Porém, o mais notavel aqui é que a lenda do doutor Fausto e o diabo já dêra origem a dramas, poemas e romances, quando veio á luz a obra de Goethe.

O primeiro escripto onde se trata della foi, segundo Henry Morley, apresentado em 1587, na feira de Francfort, pelo livreiro Johann Spies. A unica cópia completa desse livro, de autor desconhecido, conforme Morley, é a existente na Bibliotheca Imperial de Vienna. Crêmos ser a "Historia von Dr. Johan Fausten den weir berchreyten Zamberer und Swartzkunster", attribuida por muitos a um tal Vidman. Em 1588 ou 1589, foi traduzida para o inglez (The History of the Damnable Life and Deserved Death of Dr. John Faustus — Newly printed, and in convenient places impertinent matter amended, according to the true copy printed at Frankfort, and translated into English by P. R. Gento). Em 1589, finalmente, foi publicada a traducção franceza do pastor protestante Pierre Palma Cayet (Histoire prodigieuse et lamentable du docteur Jean Faust, magicien, avec son testament et son oeuvre epouvantable).

A lenda do doutor Fausto ainda deu logar, nos fins do seculo XVIII e principios do XIX, ao livro de Muller (1778) e ao de Max Klinggen (1790), como ao de Lessing, ao de Klingermann, ao de Grabbe. Comtudo, de todos os predecessores de Goethe, o unico cuja obra logrou subsistir foi Marlow O Fausto de Marlow, sahido á luz pela primeira vez, cremos que em 1604, foi em 1894 publicado ao lado da traducção do Fausto, de Goethe, por John Austin, sob o titulo de The Tragical History of doctor Faustus. No conjunto, é pequena a differença entre a tragedia de Marlow e a de Goethe. Em ambas, o doutor vende a alma ao diabo, com a condição Jeste lhe servir como escravo por certo tempo. Marlow fixa esse tempo em vinte e quatro annos, durante os quaes o doutor possui um poder illimitado sobre a terra, do qual abusa em excesso. Passado o tempo estipulado, chega o momento em que o diabo deve vir á busca da alma do pobre doutor. Vem então o remorso, que Marlow descreve admiravelmente. Paltava apenas uma hora para o momento fatal.

(2) Schopenhauer — Escrivalas et style.

O doutor exclama: "Oh Fausto, não tens sinão uma hora de vida e estás condemnado para todo o sempre! Parai-vos astros, afim de que o tempo cesse de caminhar e que o minuto jámais venha! Levanta-te divino sol, olho brilhante da natureza, levanta-te ainda para nos da um dia sem fim! ou, então, faze que essa hora seja um anno, um mez, uma semana, um dia, afim de que Fausto tambem possa se arre-pender e salvar sua alma!... Mas os astros seguem o seu curso, o tempo se precipita: a hora vai chegar, o demonio virá, e Fausto será condemnado!... Oh meu Christol... Não me dilacere o coração, Lucifer, por haver appellado para o Christo: eu desejo chamal-o ainda. Oh Lucifer! poupa-me! Onde se acha elle agora? Terá partido?... Lá estão seus braços ameaçadores, seu semblante inimigo!... Vinde montanhas e collinas! desabai sobre mim e occulta-mei rosto á colera do céu... Nada!... Terra, fende-te, para que eu me afunde em tuas entranhas!... Não, ella não me quer receber! Vós que presidistes a meu nascimento, vós que me destinastes á morte no inferno, attrahi para vós Fausto, como um vapor leve nos flancos de uma nuvem espessa, afim de que, quando vós o vomitardes nos ares, seus membros espedaçados caiam de vossa bocca fumegante e que sua alma possa se elevar e attingir os céos!... (O relógio bate onze e meia). Oh! meia hora passou-se, breve ir-se-á a hora toda... Oh! si minha alma deve soffrer pelo meu peccado, dai um termo a meu castigo!... Que Fausto viva no inferno mil annos, cem mil annos, e que, afinal, seja salvo!... Mas, ai de mim! não se dá termo ás punições de almas condemnadas!... Oh Fausto! por que não és um ser creado sem alma? ou por que essa alma que lhe foi dada é immortal? Malditos sejam os paes a quem devo a vida!... Já estamos na hora. Agora meu corpo desaparece nos ares ou o demonio vai carregar-te para os fundos do inferno! Oh minha alma, transforma-te em qualquer gotta de agua, e cai no Oceano para que te não tornem a encontrar".

(Sôa a hora, arrebita-se a falsa, entram os demonios).

Quanta energia, quanta belleza inedita nesse epilogo!

Por elle se vê que o Fausto de Marlow foi condemnado como o de Klinger. O proprio Goethe, na primeira parte de seu poema, parece tel-o condemnado.

Mas na segunda parte escripta muitos annos após e quasi independente da primeira o grande sabio attinge a salvação.

(3) Mmc. de Stael — De l'Allemagne — Paris 1834 — pg. 435.

(4) Emile Grucker — Histoire des doctrines litterales et esthetiques en Allemagne.

Em Goethe, como em Marlow, o personagem principal da tragédia é Mephistopheles; naquella, Fausto e Margarida são seres perfeitamente humanos. Possuem todos os defeitos, todos os achaques, todas as fraquezas do homem. Em ambos a felicidade desejada pelo doutor, durante o tempo em que Mephisto fosse seu escravo, nunca se realizou por completo. Até nisso há o signal de que Fausto era um homem como os demais, insaciável e espera sempre de maior felicidade. Essa eterna esperança de todo o homem tem sido o objecto de muitas obras primas, mesmo no Brasil. Tem-na comparado a pombas que despertadas pela manhã voam uma por uma dos seus pombaes; a navios que deixam os portos e não mais voltam, etc. Essa felicidade que sonhamos é a mesma que o sr. Vicente de Carvalho tão bem comparou a uma árvore, que supomos carregadas de dourados pomos, mas que nunca chegamos a alcançar. Todos conhecem, ao menos de nome, o celebre drama da negação da vida de Calderon de la Barca (*La vida es sueño*), onde elle dá uma definição que os poetas e philosophos da mais remota antiguidade conheciam e expunham com frequência:

Que és la vida? un frenesi:
que és la vida? una ilusion,
una sombra una ficcion,
y el mayor bien es pequeño
que toda la vida es sueño
y los sueños sueños son.

Essa noção cremos ser de origem semitica. Schlegel no seu curso de literatura dramatica, observa que os arabes exerceram grande influencia sobre os escriptores hespanhóes dos seculos XVI e XVII, despertando-lhes entre outros, o gosto das hyperboles. E Pompeyo Gener nota essa influencia até no nosso contemporaneo Francisco Villaespesa. "Villaespesa", diz elle, "és un Iranio cruzado de arabe y lo que representa su alma y de lo que siente la confusa nostalgia, és la civilizacion arabigo andalusa de los Omeyas". (1) Não seria de esperar que essa influencia se tenha feito sentir na maioria dos grandes escriptores da raça hespanhola? Quem não a nota, por exemplo no original colombiano Vargas Vila? A simples leitura de um trecho seu, com a singular disposição das idéas nas phrases lembra o estilo dos prophetas da Biblia. E as hyperboles de que fala Schlegel, constituem o fundo das obras do grande escriptor ibero-americano. Digase si não existe um parentesco entre a definição de Calderon e esta idéa do já citado Villaespesa:

"El pasado es una sombra,
es una niebla el futuro
y un relempago el presente..."

Essa noção da vida, força é reconhecer, é de origem semitica. Com frequência se encontra no livro de Job, no Ecclesiaste e em Salomão. Arthur Farinelli afirma que era desconhecida dos primitivos aryanos. "Nel primi inni vedici", nel "Rigveda", era ancora fiducia e piacere alla vita: la fantasia del primi poeti dell'India, rare volte turbata dal pensiero pessimistico, spaziava ancora libera perumplissimi campi, abbracciava cielo

(1) Pompeyo Gener — Amigos e maestros — Barcellona, 1915, pagina 340.

e terra, il visibile e l'invisibile, con slancio possante e tempravase agliarda e forte al fluido vitale che anima la natura. Rare erano ancora quelle note de sconforto e di dolore che echeggiano insistenti nell'opera del Kalidasa e in tutta la maggiore poemi, nel "Mahabharata", nel "Ramayana". (2). E nasdo o poema de Goethe, meditando primeiras épocas do christianismo que aportou á Europa, trazendo consigo a influencia semitica, exclamava S. João Chrysostomo, com a mesma imagem empregada, seculos após, por Calderon: "A subestancia do homem nada mais é que cinza e pó e fumo e sombra e se pôde haver outra cousa ainda mais vã, será essa". Causa notavel é que todos os pessimistas apresentam evidentes traços de influencia semitica.

O "mal da sciencia" não foi mais do que uma revivescencia da nostalgia pessimista dos semitas produzida pelo romantismo, cujas fontes mais abundantes foram as lendas christãs da Idade Média — Um resultado da influencia dos semitas hebreus. Essa influencia levou a christianismo. E' ainda Farinelli quem diz: "Così per gran tempo l'Oriente manda all'Occidente, come sue leggende, i racconti, e le nuove dottrine morali e ascetiche, la grande tristezza e malinconia" (3). O maior critico brasileiro, o unico que se aproxima um pouco da longa sequencia de grandes pensadores que vai de Taine a Renouvier, passando por Saint-Victor, Brandes, Gener, A. Hamon, Farinelli, e alguns outros, Araripe Junior, já notára esse pessimismo semita, em uma série de artigos publicados na "Revista Brasileira" deligados sob o titulo de: "A este-tica de Poe". Ahi salienta elle a existencia desse mesmo pessimismo nos grandes escriptores do meiodia da Europa, mais sujeitos que do norte á influencia semitica. Enscurecimento, ou talvez devido a ella, o Dante por exemplo. Poucos escriptores souberam descrever, com tanta manha hediondez, os "saurios", os monstros nocturnos, os vespertilhos e os Geriontes", que enchem as paginas do Inferno. O diabo de Dante attinge por vezes a culminancia do risivel (4). Assim tambem o Miguel Angelo representado no "Giudizio" (5). Os genios do mal dos antigos Assyrios e Phenicos são ainda mais nefarios, especialmente comparados aos dos povos indogermanicos. No homem do norte da Europa, a concepção do diabo diverge profundamente da dos povos do meio dia, em que influencia semita se fez sentir com maior virulencia. Os monstros da Divina Comedia é Araripe quem o diz, "evoluíram para o Satanaz de Milton que é um diabo luminoso, bello, humano, sinão a transformação de Apollo" Mme. de Stael tambem afirma que o autor do "The Paradise Lost" fez Satan maior que o homem. Deante das varias concepções do demonio, que posição terá o Mephisto da lenda de Fausto? Affirma ainda mme. Stael que o Mephistopheles de Goethe é um diabo civilizado. De facto, sem o exterior hor-

(2) A Farinelli — La vita è un sogno — Turim, 1916, volume I, pag. 16.

(3) A. Farinelli — op. cit. pag. 60.

(4) E Sannia — Il comico, ilumorismo e la satira nella Divina Comedia — Milão, 1909.

(5) A. Farinelli — Michelangelo Dante e altri brevi saggi — Turim, 1908.

rivel dos monstros de Dante, sem a belleza apollinia do demonio de Milton, o Mephisto conserva a posição intermediaria que dão as escripturas a Satan de "o grande mentiroso", euphemisado na ironia ferida de todas as suas sentenças. Só quem percorreu com attenção toda a obra de Goethe, meditando sobre cada um dos seus symbolos, comprehenderá que elle seja como disse Heine, a Biblia mundana dos allemães e dará razão as suas palavras: "elle é em verdade, tão vasto como a Biblia, e, como ella, abraça o céu e terra, com o homem e sua exegese".

IV

Na lenda popular, como no livro de Klinger, que a reproduz com fidelidade, o Fausto é condemnado. Assim tambem no drama de Marlow, como já temos visto anteriormente, em Goethe. Em Marlow, porém, o doutor desespera-se ao lembrar-se de que não se sentira feliz durante os 24 annos do contracto que afinal iria em breve ser violado de sua insaciabilidade. Em Goethe (aqui nos referimos ao "primeiro Fausto"), o epilogo não encerra a grandiosidade do de Marlow; em compensação, é mais poetico, devendo principalmente ao episodio de Margarida. Em todo o seu poema o autor do Werther se mostrou positivamente obscuro, executando mais ou menos fielmente o conselho celebre de Verlaine, enunciado um seculo quasi após, e que deveria ser um dos preceitos da escola symbolista.

Esse gosto pela nuance e pela casagem manifesta-se, aliás, mais indeligitamente na segunda parte do Fausto. Foi terminada quando o autor já se achava na idade de oitenta annos. A despeito de sua obsecuridade, ou talvez devido a ella, o "segundo Fausto" é a parte mais apreciada dos allemães. Ahi é que se acham as palavras celebres do demonio, assim traduzidas pelo sr. G. Barroso:

"O passado! Por que o passado? Palavra imbecil! O passado é o nada. No entanto, algo ainda fica daquillo que parece nunca ter existido. Mais valéra que, ao envez dos mundos, houvesse o vacuo completo, eterno..."

Para a maioria dos criticos allemães, é nessa parte, que a conta de sua obscuridade, é o terror dos traductores, que reside a gloria maxima do seu autor.

Elle constitue, conforme G. Weber, um golpe de vista retrospectivo sobre seu passado e sobre as transformações soffridas pelo seu espirito e pela sua poesia desde que elle sahira do periodo tenebroso em que fôra composta a primeira parte. (2). A'quelles a quem sua arte é incomprehensivel poderia Goethe, é com razão, repetir as palavras de Preault: "L'art c'est cette étoile; je la vois, et vous ne la voyez pas!" E é natural, como diz Rodenbach, que os mestres percebam muita coisa que aos outros escapa. (3) Quas todas as traducções francezas, pelas quaes, como pela de Castilho, é conhecido o grande poema no Brasil, a de Stapfer, a de Sainte Aulaire, a de Gerard de Nerval, a de Lespise, a de Cavagnac, a de Marguerite, a de Porchat e outras, transcurram quasi por completo o "segundo Fausto". E' verdade que algumas dellas foram anteriores a elle. Porém, as que porventura o traduzi-

ram, muito se afastaram do original que ficou assim quasi obliterado em palcos latinos. A unica traducção franceza feita quasi ao pé da letra onde se acha incluída a segunda parte é talvez a aliás pouco conhecida de Henri Blase, escripta em prosa. A traducção portugueza de Castilho comprehende só a primeira parte, que a segunda, affirma elle, ao Fausto da velhice de Goethe não se atreveu, porquanto seria muito mais frágil e, quão de as difficuldades se vencesse, menos condições apresentava para ser bem acceto de seus patricios.

O traductor portuguez não combe que, como affirmam allemães, se tenha Goethe despendido muita nessa segunda parte, em gentileza e esmeros lyricos; assim pelo menos não o parece, contemplando através dos reflectores. Demais, elle, quando essas excellencias, e de mera forma, por traduzíveis, tenham esse valor, he quem dar, são taes no Fausto os enigmas philosophicos, tão obstrusos o senso das coisas mesmas tão desnaturaes, inverosímeis, tão impossíveis, absurdas quasi, que o bom gosto e o bom senso, "que tão benevolos perdoaram a receberam a velhice do doutor Fausto, talvez se haveriam bem com o Fausto timo. O primeiro, diz ainda Castilho, foi um gigante o ultimo, o homunculo producto absurdo das forgas da arte". (4). Sem apseus exaggeros, achamos, toda que a critica de Castilho apresenrazões justas e abundantes, contra a traducção integral do segundo Fausto. Entretanto, pelo resto que della fez o sr. Gustavo Barroso, os leitores brasileiros poderão ter uma perfeita idéa do seu entreccho. E essa é das vantagens da nova traducção. A outra vantagem, assaz apreciavel, é a de, como poucas, se aproximar do original e muito mais a de Castilho. Nessa, mais de vez se deparam algumas das travagancias de que seu autor se a ród em todas as suas traducções, talvez devido ás necessidades de rima e do rhythmico. Assim,prehendendo-lhe o ter Goethe substituido por Lilith o nome mais conhecido da primeira mulher e mo, segundo elle, a absurda casa-se bem com a absurda accrescenta a esse nome um alido vulgarissimo, entre os seus trícios, mas justificavel pelo pellido que a Eva deu a Gê. Por parallelismo fez o mesmo Adão: "A Lilitha da Costa nãolembras? a primeira mulher Adão de Barros", etc... (352).

No segundo acto, na parte intitulada "Noite de Walpurgis", tanhas Hars. Schincke e El excludo Castilho de um dos o Fogo Fatuo, que ahi deve cá alternativamente com Fausto Mephisto, na seguinte disposiçã que não existe no original:

MEPHISTOPHELES

Um que algaravia
Bufidos e pios
silvos e assobios
cada vez mais perto!
já antes do dia
cá neste deserto
gaios, papafigos.
Que socios amigos
as crujas não têm!

FAUSTO

E aquelles pernudos
ascosos pansudos,

onde se acha incluída a segunda parte é talvez a allás pouco conhecida de Henri Blaze, escripta em prosa. A traducção portugueza de Castilho comprehende só a primeira parte, que a segunda, affirmo elle, ao Fausto da velhice de Goethe, não se atreveu, porquanto seria trabalho ainda mais frágil e, quando as difficuldades se vencesem, menos condições apresentava para ser bem acceto de seus patricios.

O traductor portuguez não concebe que, como affirmam allemães, se tenha Goethe despendido mais, nessa segunda parte, em gentilezas e esmeros lyricos; assim pelo menos não o parece, contemplado através dos reflectores. Demais, diz elle, quando essas excellencias "accidentaes e de mera forma", pouco traduzíveis, tenham esse valor que lhe querem dar, são taes no ultimo Fausto os enigmas philosophicos, tão obstrusos o senso das ficções mesmas tão desnaturaes, tão inverosímeis, tão impossiveis, tão absurdas quasi, que o bom gosto e o bom senso, "que tão benevolos perdoaram a receberam a lenda velha do doutor Fausto, talvez não se haveriam bem com o Fausto ultimo. O primeiro, diz ainda Castilho, foi um gigante o ultimo, será o homunculo producto absurdo das forças da arte". (4). Sem apoiar seus exaggeros, achamos, todavia, que a critica de Castilho apresenta razões justas e abundantes contra a traducção integral do segundo Fausto. Entretanto, pelo resumo que della fez o sr. Gustavo Barroso, os leitores brasileiros poderão doravante ter uma perfeita idéa do seu entrecho. E essa é uma das vantagens da nova traducção. A outra vantagem, assaz apreciavel, é a de, como poucas, se approximar do original e muito mais que a de Castilho. Nessa, mais de uma vez se deparam algumas das extravagancias de que seu autor usou a ródio em todas as suas traducções, talvez devido ás necessidades de rima e do rhythmio. Assim, substituindo-lhe o ter Goethe substituido por Lilith o nome mais conhecido da primeira mulher e como, segundo elle, a absurdidade casa-se bem com a absurdidade, acrescenta a esse nome um appellido vulgarissimo, entre os seus patricios, mas justificavel pelo appellido que a Eva deu a Genésio. Por parallelismo fez o mesmo com Adão: "A Lilith da Costa não se lembra? a primeira mulher de Adão de Barros", etc... (passagem 352).

No segundo acto, na parte intitulada "Noite de Walpurgis", Monarcha e Elend, e Schincke e Hars, excluiu Castilho de um dos côros pelas suas idéas, pela sua erudição, o Fogo Fátuo, que ali deve cantar a sua originalidade e pela sua alternativamente com Fausto e Mephisto, na seguinte disposição:

que não existe no original:

MEPHISTOPHELES

Um que algaravia
Bufidos e pios
silvos e assobios
cada vez mais perto!
já antes do dia
cá neste deserto
gaios, papafigos.
Que socios amigos
as cruas não têm!

FAUSTO

E aquelles pernudos
ascosos pansudos,

qual polvo traidor! etc.

O sr. Gustavo Barroso é que, desta vez, como em quasi todos os pontos onde ha que rimar, foi infeliz não tendo conseguido traduzir com a perfeição necessaria. Assim mesmo, não deixam de ter seu valor alguns dos versos.

Leia-se, por exemplo, este trecho:

São os cipós e as raízes
Que nem serpentes lustrosas,
De variegados matizes
Armadilhas perigosas
A quem passa por aqui
Pelo chão correm bichinhos
E voam moscas dali
Com suas azas radiosas
Iluminando os caminhos
Avançamos ou recuamos
Perante suas ameaças?
Tudo annuncia desgraças
Pela rota que levamos
E esses fogos que andam no ar
Queimam sem illuminar!

Os "bichinhos", ahi, representam

Topceiras e ratos
relé vaiegada...

de Castilho; que

no musgo dos matos
na lama encharcada
sem conta esfervilham.

ou ainda como

.... ces taufes bigarrees
Sur la bruyere egarees
La mousse humide grattant
Broutant, trotant, valetant.

de Stapfer; ou

.... tous les rats en escouade
Mulots, foinies et souris
Vetus de rouge et de gris.

de Henri Blaze; que

se en vont trotant par myriades.

em peito de um ou outro se nemo o a que nos acabamos de ler, a traducção do sr. Gustavo Barroso, mais de accordo com o original que a de Castilho, é exante e utilissima. Com ella aca de encher um vazlo que ha to se fazia notar nas nossas leituras. Refere Eckermann que, em de suas conversas com Goethe, este, ao ter noticia da pouca de seu traductor Gerard de Wal, affirmou surprehendido que joveh seria um dos mais purescriptores da França. Si o aude "Fausto" estivesse hoje viseria possivel que affirmasse do novo traductor ser um dos escriptores de maior futuro do Brazil, o que não deixaria de ser extemporaneo, pois, desde seu primeiro livro, o sr. Gustavo Barroso é considerado, e com razão, um dos nossos mais brilhantes literatos. As suas idéas, pela sua erudição, e pela sua originalidade e pela sua linguagem tersa, simples, clara e corrente.

Sergio Buarque de Hollanda.

S. Paulo, 12 de novembro de 1920.

(1) Goethe — "Fausto" — Traducção de Gustavo Barroso (João do Norte) — Paris, 1920. — pp. 217.

(2) G. Weber — Histoire de la litterature allemande. — Georges Rodenbach — Paris, 1899. — Pag. 274.

(4) Goethe — "Fausto" — Porto, MDCCCLXXI.

Do Correio Paulistano

- 1º _____ 15 de novembro de 1920
- 2º _____ 16 de novembro de 1920
- 3º _____ 6 de dezembro de 1920
- 4º _____ 9 de dezembro de 1920